

*Um dos objectivos da **madressilva** é fomentar o interesse pelas questões da vida selvagem junto das Escolas. Mas não queremos limitar-nos a dar a conhecer as espécies e os habitats que tornam tão rico o nosso património natural. Gostaríamos também de divulgar aqui os projectos concretos que cada um de vós, na Escola ou fora dela, vai promovendo. Contem-nos as vossas experiências, de forma que cada um se possa sentir mais acompanhado e parte de um movimento que não se conforma com as ameaças, o desinteresse, o laxismo e o obscurantismo que pairam sobre as coisas da Natureza.*

Observatório da Natureza



Partilhem connosco as observações mais interessantes, curiosas ou raras, feitas durante os vossos passeios e saídas de campo.

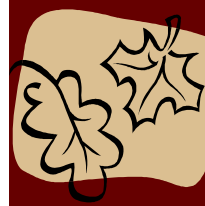
Flor de Outono

Num dos últimos passeios da Almargem, na Mata Nacional do Barão de S. João, observei, nalguns locais, autênticos tapetes de uma flor violeta muito bonita que parecia crescer sobretudo nas zonas mais expostas da serra, na orla dos pinhais. O guia informou que se tratava de uma espécie de açafão. É interessante ver como, mesmo em pleno Outono, as flores nunca desaparecem no Algarve.

Sónia Guerreiro (Quarteira)



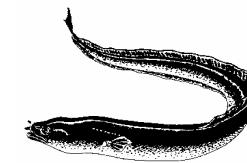
Obs.: Na verdade, trata-se antes da Nouselha (*Merendera filifolia*), uma Liliácea. Tem realmente algumas semelhanças com o Açafão-bravo (*Crocus serotinus*), que também ocorre no Algarve, e que é um seu parente afastado pertencente à família das Iridáceas.



RAPOSA



Ribeira de Quarteira



ENGUIA

AINDA NESTE NÚMERO:

Charcos temporários

Gilbardeira

Plantar carvalhos

Almanaque

Observatório

DO FRIO VEM, DO FRIO FOGE

Nos nossos campos chegou o tempo dos abibes (*Vanellus vanellus*), uma bonita ave que foge dos frios excessivos do norte. Também conhecida por ave-fria, pode ser facilmente avistada em bandos irrequietos que desafiam o vento, batendo de forma lenta mas decidida as suas largas asas alvinegras. Se o frio aperta demasiado, o bando desaparece à procura de locais mais propícios onde consiga encontrar insectos e minhocas que, curiosamente, estas aves procuram com...as patas. Para isso, caminham pausadamente sobre o solo para detectarem os movimentos dos invertebrados subterrâneos através das sensíveis terminações nervosas que possuem nas extremidades inferiores.



MOCHOS

Dezembro é mês em que o Bufo-real (*Bubo bubo*), o maior dos nossos mochos, decide começar a delimitar o seu território de criação. Ao anoitecer, os graves *u-hus* dos machos fazem-se então ouvir a longa distância, avisando a concorrência de que é melhor procurar outras paragens.



UNHAS DO MAR

Se bem que no Algarve já se comam perceves (*Pollicipes cornucopia*) quase todo o ano, é quando as ondas batem mais forte oxigenando as águas, que estes crustáceos atingem maior tamanho, constituindo um petisco tradicional dos meses que precedem o Natal.



Quando o Outono procura imitar o Verão

Segundo a lenda, S. Martinho, então um soldado romano, teve pena de um mendigo e repartiu com ele a sua capa para o abrigar do frio e da chuva. Logo se sucederam três dias amenos de sol que perduram até hoje por alturas da data da morte do santo (11 de Novembro). Na realidade, o chamado verão de S. Martinho acontece, em média, mais de um ano em cada dois e é provocado por uma subida do anti-ciclone dos Açores que desvia as massas de ar frio carregadas de humidade provenientes do Pólo, mais para norte. Na segunda quinzena de Novembro, o sol já não sobe tanto no céu do nosso hemisfério e o anti-ciclone mantém-se mais abaixo sobre o Atlântico, surgindo então as primeiras geadas.

Almanaque da Natureza

Dos Santos ao Natal, Inverno natural.

No dia de S. Martinho, vai à adega e prova o vinho.

Mal de Portugal se não vem três cheias até ao Natal.

Novembro

1		Nascimento: 6h56. Ocaso: 17h34.
2		Lua Nova. Marés vivas.
9		Quarto Crescente. Marés mortas.
16		Lua Cheia. Marés vivas.
23		Quarto Minguante. Marés mortas.
30		Nascimento: 7h25. Ocaso: 17h15.

Dezembro

1		Lua Nova. Marés vivas.
8		Quarto Crescente. Marés mortas.
15		Lua Cheia. Marés vivas.
21		Solstício de Inverno: 18h35.
23		Quarto Minguante. Marés mortas.
31		Nascimento: 7h45. Ocaso: 17h25.
31		Lua Nova. Marés vivas.

EM ACÇÃO

Vamos plantar carvalhos

Existem no Algarve 6 espécies de carvalhos (ver quadro). De entre eles, a azinheira, o sobreiro e, em especial, o carvalho-cerquinho e o carvalho-de-Monchique precisam de ajuda. A recolha de bolotas destes quatro carvalhos mais ameaçados, o seu cultivo em

CARVALHOS DO ALGARVE

Carrasco (*Quercus coccifera*)
Carvalho-anão (*Quercus lusitanica*)
Azinheira (*Quercus rotundifolia*)
Sobreiro (*Quercus suber*)
Carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*)
Carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis*)

viveiro e a reintrodução na natureza devem, assim, ser fomentados em todas as escolas.



A recolha de bolotas deve ser feita durante o Outono, altura em que amadurecem e caem no solo. Devem-se escolher, dentro de cada espécie, as maiores pois têm mais hipóteses de sobreviver. Caso se pretenda realizar uma acção de reflorestação alargada, deve proceder-se a uma plantação directa imediata. Se se quiser desenvolver um projecto pedagógico ao longo do ano, pode optar-se pela plantação em viveiro.

PLANTAÇÃO DIRECTA

- colocar as bolotas num local escuro e permanentemente húmido.
- cerca de 10 dias depois, as bolotas começam a brotar a raiz, garantia de que são viáveis.
- plantar, logo que possível, as bolotas que germinaram; colocar duas em cada cova a alguns centímetros de profundidade juntamente com alguma areia e composto vegetal; tapar depois, soltando bem a terra em volta (para facilitar a drenagem da água).

PLANTAÇÃO EM VIVEIRO

- plantar a bolota num recipiente preto industrial ou caixa de cartão perfurado em baixo, cheio de uma mistura de areia, composto vegetal e terra do futuro local de reintrodução.
- manter suspensos acima do solo os recipientes, para que a raiz cresça grossa e resistente.
- regar os recipientes pelo menos uma vez por semana (em especial na época seca) e mantê-los ao abrigo da luz solar directa.
- plantar os rebentos no Outono do ano seguinte após as primeiras grandes chuvas.
- abrir uma cova do tamanho do recipiente, soltando bem a terra que fica no fundo; retirar a plantinha e a terra que o envolve e colocar tudo na cova; rodear cada planta com um círculo de pequenas pedras (para retenção de humidade e evitar o endurecimento do solo).
- caso seja possível, proteger cada planta com uma vedação em cartão perfurado e biodegradável, para melhor sinalização e evitar ataques da parte dos animais herbívoros.

Créditos das ilustrações: Pg. 1 - Larry Colwell (raposa), Filomena Campos. Pg. 2 - Jens Christian Schou, www.edualiza.org (perceve). Pg. 3 - Carlos Pinto Gomes, Filomena Campos (narceiso). Pg. 4 - R&C Photography (cria), www.objetsparlants.ca (adulto), Filomena Campos. Pg. 5 - Otto W. Thomé (1885). Pg.6 e 7 - SEE-University of Leeds (enguia-adulta), Filomena Campos. Pg. 8 - Almargem (lagoa), www.kulak.ac.be (ranúnculo), Alfredo Conceição (feto), J. Carvalho Vasconcellos (cardo), www.ittiofauna.org (camarão), Filomena Campos. Pg. 9 - www.african-safari-journals.com (orangotango), www.eeb.yale.edu (pica-pau), Greenpeace (foca). Pg. 11 - ARBA. Pg. 12 - Manuel Garcia (noselha), Filomena Campos.

Muitas espécies de aves (patos, limícolas) assumem em voo uma formação em V quase perfeita, sobretudo quando efectuam os grandes percursos migratórios. Trata-se de uma estratégia de economia energética, à semelhança da que é posta em prática, por exemplo, pelos corredores de fundo no atletismo. A ave que vai à frente na ponta do V esforça-se ao máximo para penetrar o ar. Atrás dela forma-se uma depressão que facilita o avanço das companheiras. Ao fim de algum tempo, uma das outras aves assume a liderança, de modo que todas partilham o esforço necessário para levar a bom porto a viagem. A forma em V é efectivamente a mais aerodinâmica e se o grupo encontra ventos contrários fortes, o ângulo torna-se ainda mais agudo.



Envíem-nos alguma questão relacionada com a vida selvagem que gostaríamos de esclarecer. Tentaremos responder às questões mais interessantes nos próximos números da Madressilva.

REDE GLOBAL

Numa época propícia à observação, estudo, colheita e degustação dos cogumelos, nada melhor do que fazer uma viagem virtual através do estranho mundo dos fungos, um reino de seres vivos bem à parte. Como ponto de partida, propomos o site da Sociedad Micológica de Madrid (www.socmicolmadrid.org), onde, para além da descrição de inúmeras espécies, podem ser encontradas outras ligações úteis ao prosseguimento da viagem.



Gilbardeira

(continuação da pág. 5)

podido desenvolver os raminhos que crescem na base das folhas até assumirem a forma de verdadeiras folhas verdes, adornadas com uma ponta aguçada, com que me sustento e com as quais engano quase toda a gente. Digo quase porque o tal fulano de que já atrás falei, ao mexer nestes meus ramos modificados, lhes chamou **filocládios**, o que quer que isso queira dizer. Pessoalmente até me desagrada e espanta toda esta confusão pois, na Primavera, deixo crescer sobre estas falsas folhas umas pequenas flores, femininas no meu caso, e que, embora pequenas, estão à vista de todos.

Por pudor, não vou aqui comentar as relações que mantenho com os meus parceiros masculinos, mas o certo é que lá para o final do ano amadurecem sobre esses ramos-folhas umas belas bagas muito vermelhas, parecidas às do Azevinho, e que estão na base do ódio que ele alimenta contra mim, pois as minhas são bem maiores e não são tão tóxicas. Aliás, não lhe gabo a sorte, pois à custa dessas bagas, os ramos do Azevinho foram escolhidos como espírito protector do Inverno pelos Romanos e ainda hoje pelo Natal as pessoas os usam como enfeite. Visto que esse infeliz não abunda aqui pelo sul, há quem abuse do meu povo para o mesmo efeito, provocando grandes razias na população, facto que já motivou várias queixas junto das sociedades protectoras dos bosques.



A Ribeira de Quarteira

A Ribeira de Quarteira foi um dos locais incluídos na 1ª fase da Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000, aprovada em 1997. Trata-se de uma área com 582 ha que abrange o vale da Ribeira de Algibre/Quarteira, entre a Amoreira e o Cotovio. Situa-se quase integralmente na freguesia de Paderne (Albufeira), com excepção de um pequeno pedaço de território da freguesia de Boli-queime (Loulé) na zona de Malhadais.

O percurso sinuoso da ribeira ocupa o fundo de um vale encaixado no maciço calcário do Jurássico, com encostas abruptas que, nalguns pontos, atingem declives da ordem dos 70%. O vale, hoje muito pouco utilizado pelo Homem (excepto os caçadores e algum pastor), constitui local de passagem, refúgio e alimentação para uma grande variedade de avifauna. A vegetação ribeirinha é, por vezes, com relevo para as extensas manchas de freixiais, canaviais, loendros e tamarqueiras. Por aqui ainda vive a lontra, em condições que poderiam ser melhores caso os vários açudes aqui



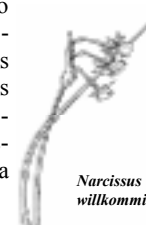
existentes fossem recuperados. Nas encostas, ocorre um mosaico diversificado de vegetação com predominância dos matagais característicos do Barrocal, alternando com formações mais abertas de charneca seca. Entre as plantas mais importantes desta zona, relevo especial para a erva-ursa (*Thymus lotocephalus*), o narciso-do-Algarve (*Narcissus willkommii*) e uma centáuria (*Centaurea occasus*), espécies endémicas e bastante raras, a última das quais recentemente descoberta.

O património histórico e arquitectónico desta área é também muito rico. Para além do conhecido Castelo de Paderne, de origem árabe, cujas ruínas são um dos mais belos motivos de atracção paisagística para quem circula na monótona Via do Infante, podem ainda ser aqui admirados a Ponte do Castelo, singular obra de 3 arcos, possivelmente de origem romana, bem como diversos moinhos de água (Cabana,

Alfarrobeira, Rosário, Cotovio), a maior parte dos quais já em ruínas.

O viaduto da Via do Infante, no norte do Sítio, constitui a principal nota dissonante nesta região de paisagens admiráveis, implicando igualmente uma fonte de poluição sonora muito negativa para toda essa zona do vale. Apesar de tudo, foi possível evitar um mal bem maior pois, inicialmente, esta travessia estava prevista para perto da ponte romana a sul do castelo. Mais recentemente, também não se conseguiu evitar a instalação do nó de ligação com a Auto-Estrada do Sul (A2) mesmo sobre o limite NW do Sítio, degradando ainda mais a qualidade ambiental deste espaço natural.

Para além da recuperação da ponte romana e do castelo (actualmente em curso), seria importante reabilitar a maior parte dos açudes existentes, garantindo a sobrevivência da vida selvagem, o amortecimento das enxurradas e a valorização turística da região.



Narcissus willkommii



Pêlo castanho-avermelhado por cima e esbranquiçado por baixo, cauda espessa com ponta branca, focinho pontiagudo, orelhas espetadas, quem não conhece a raposa ?

Geralmente nocturna, a raposa pode ser frequentemente observada durante o dia, sobretudo no Verão. A sua toca é constituída por várias galerias escavadas em terreno seco, quer em bosques ou matagais, quer na periferia de pastagens ou campos agrícolas, ou mesmo em baldios junto dos aglomerados urbanos. Ao contrário de outros canídeos, a raposa é geralmente um animal solitário, estabelecendo um território que, consoante a densidade populacional e o alimento disponível, oscila entre 500

Um animal adulto mede, em média, 1,25 m de comprimento, cauda incluída, pesando entre 6 a 10 quilos.

e mais de 5000 ha, que ela percorre no seu trote ágil e persistente. Pode também nadar e saltar com facilidade, mas a trepar já não é tão eficaz.

A raposa é um carnívoro oportunista cuja dieta varia consoante a época do ano e a disponibilidade de alimento. A sua presa favorita são os ratos e outros pequenos roedores de que come, em média, 15 a 30 por dia. Não desdenha, obviamente, os coelhos e lebres, sobretudo velhos e doentes, e uma ou outra ave menos ágil (as perdizes “de aviário” actualmente espalhadas nos campos pelos caçadores, são certamente um petisco bem fácil de conquistar). E aparece frequentemente nas estradas à procura de cadáveres de animais atropelados. Para sobremesa, consome grandes quantidades de minhocas e insectos, sendo gulosa por frutos e bagas maduras.

A época do cio começa em Dezembro e estende-se até Janeiro. Nesta época, é frequente ouvir, de noite, os latidos prolongados do macho marcando o território. Uma vez fecundada, a fêmea leva cerca de 50 dias a produzir uma ninhada com 4 a 5 crias. Estas saem da toca ao fim de seis semanas, mantendo-se, no

entanto, junto da mãe durante mais alguns meses.

À sua já fraca reputação de animal manhoso e traícoiro, totalmente injusta mas constantemente transmitida por provérbios e histórias infantis, acresce o facto de, durante anos, a raposa ter funcionado nalguns países como um dos principais propagadores da raiva, uma doença viral muito perigosa para os animais e para o Homem, a qual se encontra, no entanto, erradicada em Portugal há já vários anos. Também a fama da raposa como “pilha-galinhas” não tem contribuído para se tornar um animal querido pelas populações rurais. Neste caso, para evitar o problema basta guardar devidamente os animais de criação, instalando vedações sólidas e bem agarradas ao chão. Por todas estas razões, a raposa tem sido implacavelmente perseguida pelos caçadores, sendo ainda hoje legalmente permitida a sua caça entre Outubro e Fevereiro.



O declínio dos Primatas

Segundo dados da organização Conservation International, um quarto das 625 espécies de macacos e outros primatas existentes na Terra encontra-se em perigo de extinção. Os actuais sobreviventes das 25 espécies mais ameaçadas são já tão poucos que caberiam todos nas bancadas de um qualquer estádio de futebol. A caça e o comércio ilegal de espécies, bem como a destruição dos habitats pela agricultura e exploração florestal intensivas, são as principais causas deste declínio dos animais mais próximos do ser humano e que, por isso, mereciam da nossa parte um esforço sem precedentes com vista a assegurar a sua protecção.



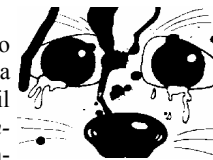
Sobrevivente da BD

Pensava-se que o Pica-pau-de-bico-branco (*Campephilus principalis*), uma das espécies que mais terá inspirado a célebre personagem dos desenhos animados (Woody Woodpecker) se encontrava extinto desde meados do século passado. Ora, pelo menos um exemplar acaba de ser avistado numa remota floresta pantanosa do Arkansas (EUA), pondo em alvoroço os ornitólogos locais que vão agora tentar averiguar o tamanho real da sua população.



A matança continua

Pelo terceiro ano consecutivo, o governo canadiano autorizou a caça anual de cerca de 320 mil bebés focas-harpa (*Phoca groenlandica*) no Golfo de S. Lourenço. Tudo indica que a licença de caça por 3 anos vai ser renovada pelas autoridades do Canadá que alegam existirem perto de 5 milhões de focas no seu território. Mais do que um problema de conservação, trata-se, no entanto, de uma questão ética, uma vez que as indefesas crias de foca, com 12 a 90 dias de vida, são cruelmente mortas à paulada, agonizando por vezes durante horas, arrancando-lhes depois a pele para confeccionar casacos de luxo.



Notícias do Lince

Após a quase certa extinção do Lince-ibérico em Portugal, devido à inacção e irresponsabilidade das entidades implicadas na política de conservação da natureza, importa estarmos atentos às opções que se colocam para o futuro. Sobre tudo quanto ao que se passa na nossa vizinha Espanha onde, apesar de um retrocesso semelhante do lince, foi possível para já garantir a preservação de duas importantes populações na Andaluzia, centralizadas nomeadamente no Parque Nacional de Doñana e no Parque Natural de Andújar, onde se calcula existirem ao todo cerca de 150 animais, incluindo 40 crias deste ano. Entretanto foram descobertos vestígios seguros da presença de lince nos Montes de Toledo (Castilla-la-Mancha), uma das áreas juntamente com a Serra Algarvia onde se suspeitava que o felídeo mais ameaçado do mundo já estivesse extinto. Outra boa notícia é que o programa de reprodução em cativeiro posto em prática desde há alguns anos em Doñana, com base em 13 animais de algum modo incapacitados para a vida na natureza, começou já a dar os seus frutos. Em fins de Março nasceram as primeiras três crias, uma das quais acabaria posteriormente por morrer.





Habitat prioritário nº 3170 (Directiva 92/43/CEE)

- Pequenas lagoas ou charcos com reduzida profundidade, alimentados pela água das chuvas ou por inundação sazonal proveniente da subida do nível das ribeiras vizinhas.

- São caracterizados por uma típica sucessão de comunidades vegetais compostas essencialmente por ervas anuais e plantas vivazes com caules subterrâneos. No fim do Inverno surgem as primeiras flores, como as da Serradela-da-terra (*Lotus subbiflorus*). Na Primavera aparecem gramíneas como a Erva-sapa (*Agrostis pourretii*), numa altura em que os charcos se enchem com as belas flores brancas do Ranúnculo-aquático (*Ranunculus peltatus*)¹. Com o aproximar da estação seca, atingem o seu máximo desenvolvimento plantas como o Feto-dos-junciais (*Isoetes velatum*)², o Junco-anão (*Juncus pygmaeus*) e o Cardo-dos-charcos (*Eryngium corniculatum*)³. No princípio do Verão os charcos secam, predominando então as gramíneas.

- A sobrevivência de inúmeras espécies animais está também dependente destas lagoas, uma vez que elas constituem pontos de água para beber (mamíferos), locais de alimentação (cegonhas, garças) ou de reprodução (anfíbios⁴, libélulas⁵), para já não falar da grande variedade de invertebrados aquáticos que deles faz o seu habitat permanente, como é o caso de muitos insectos (alfaiates), moluscos (caracóis-de-água-doce) ou crustáceos (camarões-girino⁶).

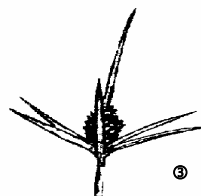
- Ocorrem um pouco por todo o Algarve, em solos xistosos (Serra, Costa Vicentina), carbonatado-argilosos (Barrocal) e arenosos (Ria Formosa).



Lagoa de Vale Santo (Sagres)

Sugestão de visita

Após algumas semanas de chuva, a Lagoa da Nave do Barão (perto da EN 525, entre Loulé e Salir) merece uma visita. Instalada no cenário grandioso de um enorme polje cársico, costuma manter água até ao final da Primavera, possibilitando a observação da fauna e da flora aquáticas.



Eu sei que sou uma planta esquisita. Todos os meus vizinhos já mo têm dito. E se calhar têm razão pois não é para me gabar mas possuo algumas características invulgares. Os nomes que me chamam não ajudam, porém, a promover a minha imagem. O mocho Elias que anda sempre encafuado nos livros, contou-me que, há muitos anos, um sábio chamado Lineu resolveu baptizar-me oficialmente de *Ruscus aculeatus*. *Ruscus* era um nome antigo já usado pelos Romanos, povo pouco culto que me confundia, imaginem só, com o Azevinho, por eles conhecido como *Bruscus*, sujeito de quem nem quero ouvir falar e que só me tem dado desgostos. O Elias não sabe ao certo mas desconfia que o meu apelido *aculeatus* tem a ver com o facto de o sábio Lineu se ter picado numa das pontas de meu corpo, desabafando, irritado, para os amigos, na sua linguagem muito erudita: "cuidado malta que esta tipa é aculeada!". Estas histórias devem ter chegado a Portugal há já muito tempo pois aqui também há quem me chame de *brusca*. Pior ainda é que, nalguns sítios, sou conhecida como *erva-dos-vasculhos*, o que considero uma afronta. Primeiro, porque não sou bem uma erva! Sou um elegante arbusto que facilmente ultrapasso



um metro de comprimento. Depois, porque vasculho me lembra os dias tristes em que os meus antepassados eram usados para fazer grandes vassouras para limpar tectos e chaminés. Apesar de tudo, o nome que mais gosto é o de *Gilbardeira*, até porque nem o Elias sabe ao certo quem diabo o inventou. Mas vamos ao que mais interessa que são as minhas numerosas e originais qualidades. Começo por aquilo que certos ignorantes chamam de raiz e que, na verdade, é um rizoma subterrâneo de onde saem grandes rebentos aguçados que, esses sim, são as minhas raízes. Os Gregos, outro povo bárbaro, usavam esta parte do meu corpo para fazer aquilo a que chamavam o "xarope das cinco raízes", misturando-me com alho, espargo, funcho e salsa, e com o qual pretendiam beneficiar o funcionamento dos rins e da digestão. Do rizoma, crescem numero-

sos talos de cor verde, bem direitos, rijos e lisos que muito prezo. Até porque, enquanto jovens e tenros, são bastante saborosos. Infelizmente, um parente meu conhecido como Espargo-bravo tem-me roubado a fama no competitivo mundo da gastronomia. Desde que não abusem, convidovos a experimentar um dos meus rebentos na próxima Primavera.

Nos matos e bosques esclerifólios mediterrânicos onde eu e os meus semelhantes vivemos (ouvi esta de um fulano, até simpático, que um dia passou mais de uma hora a medir-me, a apalpar-me e a fotografar-me), costumam contar piadinhas acerca das minhas folhas. Há até um estúpido ditado, certamente inventado pela inveja do tal Azevinho, e que reza assim: "mais pequena que a unha do dedo mindinho de um duende, só a folha da gilbardeira". Felizmente ninguém entende muito bem a razão de ser desse ditado pois todos pensam que eu tenho folhas bem desenvolvidas. Na verdade, as minhas verdadeiras folhas não passam de minúsculas escamas membranosas, um defeito genético algo embaraçoso para quem como eu tem de fabricar comida a partir da energia do sol. A solução que encontrei, e que constitui o meu maior orgulho, foi ter

(continua na pág. 10)

A enguia, um viajante do passado

Se as enguias possuísssem registos históricos da sua espécie, certamente se poderiam recordar do tempo em que vinham ao mundo num pequeno mar interior, rodeado de enormes massas continentais cujos rios os jovens tinham de subir para crescer e amadurecer. Mas isso foi há mais de 100 milhões de anos atrás, no período Cretácico, numa época em que América do Norte, Europa e Ásia ainda se encontravam unidas num super-contidente chamado Laurásia. Depois, bom, depois nem mesmo as próprias enguias saberão muito bem o que aconteceu, dado que, ano após ano, a distância entre o seu mar natal e os rios da juventude foi sempre aumentando... Fica isto a dever-se ao fenómeno conhecido por "deriva dos continentes" que levou ao afastamento, que ainda hoje continua, entre a América e a Europa. Actualmente, o mar interior primitivo já não existe, mas as enguias continuam a reproduzir-se nesse mesmo local que, agora, se situa em pleno Oceano Atlântico, numa região conhecida por Mar dos Sargaços, bem mais perto das costas da América do que da Europa.

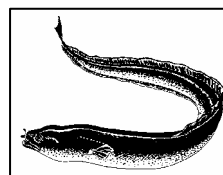
Tudo começa, pois, nas águas profundas e quentes do Mar dos Sargaços, num belo dia de início da Primavera. Milhões e milhões de ovos sobem lentamente à superfície, flutuando e acabando por dar origem a pequenas larvas com apenas alguns milímetros de comprimento chamadas "leptocéfalos", que antigamente se pensava representarem uma espécie distinta de peixe. A quente e poderosa Corrente do Golfo (enorme corrente submarina com origem no Golfo do México), arrasta alguns destes pequenos seres achatados e transparentes até às costas europeias, numa fantástica viagem com mais de 4 mil quilómetros e que demora cerca de 3 anos a concretizar-se. Certamente estimulados pela

proximidade das águas doces, os leptocéfalos, então com 8 cm de comprimento, sofrem uma metamorfose, transformando-se em "angulas" ou "meixões". Estas pequenas enguias, já com barbatanas peitorais e de coloração mais escura, nadam muito bem e procuram então os estuários dos nossos rios e ribeiras, aí entrando, no final do Outono, em grandes car-



dumes, aproveitando a escuridão da noite para migrar e escondendo-se nos fundos arenosos durante o dia. À medida que sobem as ribeiras, as angulas crescem rapidamente, fruto do seu apetite voraz e, para atingir um lugar que lhes agrade, podem ultrapassar açudes e mesmo rastejar por terra. Logo que encontram a sua "casa" ideal, tornam-se sedentárias, aí vivendo e crescendo ao longo de vários anos.

Durante estas "férias" na água doce, a enguia é um dos mais importantes predadores da ribeira, servindo-se de alimentos tão variados como insectos, crustáceos e caracóis aquáticos, rãs, peixes e mesmo pequenas crias de aves aquáticas. Por seu lado, defende-se dos seus inimigos, não só através das capacidades de fuga do seu corpo musculoso e escorregadio mas, sobretudo, pela presença, no sangue de uma perigosa toxina que a torna pouco "apetitosa" aos olhos dos seus potenciais predadores. De salientar, porém, que o veneno presente no sangue da enguia é destruído pelo calor, constituindo este peixe um alimento seguro, apreciado por muita gente. As saudades do mar longínquo "atacam" os machos, no mínimo, após 4-5 anos de estadia na ribeira, nas fêmeas um pouco mais tarde, depois dos 6-7 anos. Há, no entanto, machos e fêmeas mais acomodados que permanecem nas ribeiras até 12 e 24 anos, respectivamente. As enguias "amarelas" transformam-se então em enguias "prateadas" sexualmente maduras. No Outono, estes enormes peixes começam a descer a ribeira até à foz e aí se lançam no oceano, desejosos de alcançar o seu amado Mar dos Sargaços, onde chegam após 6 meses de viagem, durante a qual não se alimentam. Uma vez na sua pátria natal, dedicam-se exclusivamente aos afazeres reprodutores, após o que, segundo se pensa, acabam por morrer.



Reino: Animais
Filo: Cordados
Classe: Actinoptergios
Ordem: Anguilliformes
Família: Anguillídeos

Enguia

Anguilla anguilla

Características

Peixe de corpo serpentiniforme, coberto por abundante secreção viscosa. Imaturos de cor acastanhada; adultos com dorso escuro e ventre branco-prateado. Escamas muito pequenas e pouco evidentes. Barbatanas dorsal, caudal e anal reunidas numa lâmina contínua. **Comprimento (adulto)** - Entre 40 a 90 cm, por vezes mais de 1 metro. **Peso** - até 3,5 kg.

Distribuição

Presente em rios e ribeiras de toda a Europa e Norte de África.

Protecção

Espécie ainda abundante, considerada "comercialmente ameaçada". A pesca indiscriminada, sobretudo na época das migrações, e a construção de grandes barragens, têm provocado a diminuição crescente das populações e o desaparecimento da enguia em muitos locais. Em especial, devem ser combatidas a captura, a comercialização e a exportação de meixões.

Espécies semelhantes

Espécie impossível de se confundir com qualquer outra, durante a sua estadia na água doce. No oceano, porém, existem peixes muito próximos e semelhantes como a **Moreia** (*Muraena helena*) e o **Safio** (*Conger conger*).

